

## DIÁRIO ACTUAL DA TANOARIA NO CARTAXO

Sandra Nogueira

Antropóloga – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal

e-mail: [sandracnogueira@sapo.pt](mailto:sandracnogueira@sapo.pt)

### Resumo

A tanoaria é a actividade que constrói vasilhas de madeira para envelhecimento ou estágio de bebidas fermentadas. No Cartaxo, região vitivinícola de Portugal, a actividade está a desaparecer em lenta agonia. Uma postura de mercado altamente desadequada aos dias de hoje é a grande razão para o seu desaparecimento eminente.

### Palavras-chave

Tanoaria, Modernização, Artesanal

### Abstract

The cooperage is the activity that builds wooden jugs for aging some fermented drinks. At Cartaxo's, a Portuguese wine producing region, the activity is disappearing in slow anguish. The completely hand making activity is the biggest reason for the economic problems of this traditional industry.

### Key Words

Cooperage, Modernization, Craft

Todos concordam com a ideia de que as actividades económicas são a base para o crescimento das sociedades. Porém, para que estas actividades se desenvolvam de forma equilibrada e saudável, é importante perceber o seu processo evolucionista numa perspectiva diacrónica. Olhar as Artes e Ofícios Tradicionais Portugueses é um excelente exercício para entender o percurso de muitas dessas actividades económicas.

O Cartaxo tendo tradicionalmente a vinha e o vinho como alavanca económica do Concelho, assistiu naturalmente ao surgimento de actividades artesanais que, directa ou indirectamente, estavam ligadas à actividade vitivinícola. No entanto, as dinâmicas sócio económicas das sociedades, encaminhadas e impulsionadas por um desenvolvimento técnico-industrial cada vez mais poderoso, provocaram um desfasamento entre a procura e a oferta artesanal. Uma procura cada vez mais acelerada, industrializada, apressada e economicamente exigente, que gradualmente se foi voltando “contra” uma oferta, caracterizada por indústrias essencialmente artesanais, carentes de competitividade económica e produtiva.

Os motivos conducentes a esta quebra dos Ofícios Tradicionais são inúmeros e, não cabe agora aqui desenvolvê-los. As artes tradicionais são assim “vítimas” – tal como todas as áreas tradicionais da vida cultural portuguesa –, de uma sociedade cada vez mais individualista, mecanizada e apenas preocupada com o crescimento<sup>1</sup> em detrimento do desenvolvimento<sup>2</sup>. Uma sociedade onde tradicionalmente o espírito de entreajuda era reforçado e assente no associativismo, revê-se agora num aumento da complexização tecnológica que, é proporcional ao crescimento da individualização dos processos e das manifestações culturais. São as grandes consequências da mudança cultural.

---

<sup>1</sup> Crescimento meramente económico.

<sup>2</sup> Crescimento equilibrado e harmonioso da sociedade, tendo em conta o incremento de todas as áreas da vida social.

No entanto, a sociedade cria ela própria mecanismos de defesa, visando proteger-se dessas tendências tecnológicas e economicistas. Os museus são ótimos exemplos de resposta a essa propensão. Recolher, pesquisar, documentar, interpretar e em última instância divulgar.

Mas até que ponto, podem os museus locais funcionar como “guardadores” de realidades já irreversíveis?

Sem dúvida através da conservação e interpretação do património material, ou seja, os artefactos. Esse património material tem um significado mais profundo, quando se transforma num património inatingível, ou seja, num património que está para além da questão física, que está para além da componente palpável ou corpórea. Estamos aqui perante “ (...) os significados simbólicos e metafóricos dos objectos.” (Pinna, 2003:3).

“O objecto não é somente cor, textura, formato, dimensão, matéria-prima ou função. Ele é tudo isto e, mais história, contexto cultural, emoção, experiência sensorial e comunicação corporal.” (Nogueira, 2003:63).

Cada artefacto conta uma história. Uma história que carece ser interpretada, para que do objecto inanimado, se entenda o fio condutor entre o passado e o presente, se entenda o seu papel na sociedade que o utilizou e que vida e dinâmicas se podem retirar a partir das suas propriedades funcionais. O autor anteriormente mencionado, diz que os museus – enquanto entidades guardadoras de patrimónios tangíveis –, têm um papel determinante na recolha, conservação, apresentação e interpretação de um património inatingível. (Pinna, 2003:3).

Os artefactos e as Tecnologias ou Ofícios Tradicionais Portugueses, representam um importante papel no processo educativo das populações e na reconstrução ou reafirmação das identidades culturais das comunidades, quer sejam estas realidades locais, regionais ou nacionais. É deveras importante ter em mente, que as questões patrimoniais não podem nunca estar dissociadas das políticas educativas. Políticas essas que devem ter em conta que é em tenra idade que os indivíduos devem tomar contacto com todas estas realidades. Defendendo que, “o

objectivo de uma política de cultura não deverá (...) resumir-se à protecção de um património e de um espaço cultural. Deverá ser o de pôr os indivíduos e os grupos em condições de recompor uma personalidade, uma identidade.” (Domenach, 1987:35), pergunto-me muitas vezes, o que fazer para a educação patrimonial? Que iniciativas poderão ser levadas a cabo, de forma a se educarem as novas gerações para a preservação dos patrimónios?

As respostas podem ser encontradas também no papel dos museus e/ou na vida das populações. Estes devem ser mais do que uma colecção. Os museus são também os seus profissionais, os públicos e as memórias que são a alma de cada um dos artefactos. O museu é por excelência um espaço pedagógico, um espaço de divulgação do discurso, da formalização e da consolidação das identidades. Essa visão das nossas raízes culturais, de certa forma definidas e representadas num espaço museológico, é cada vez mais importante para um visitante, que face à homogeneização e à *standardização* das sociedades, procura também nos projectos museológicos respostas à sua identidade.

O que se deseja é que cada vez mais os museus sejam locais de comunicação, de encontro, de intercâmbios culturais e que as pessoas se revejam não nas conversas, nem nos olhos umas das outras, mas que possam também e principalmente rever-se na troca de memórias, no relato de experiências vividas e no toque ou no olhar de cada objecto ou artefacto. Sem dúvida, que os ofícios tradicionais portugueses devem ter espaço privilegiado num projecto museológico concebido a pensar no visitante, e na história da comunidade que representa.

Preservar o património, quer este seja material ou imaterial, nunca poderá acontecer se o cidadão não conhecer o que possui a sua sociedade. Estar informado patrimonialmente, é trabalhar de forma a juntar o passado com o futuro. O indivíduo funciona assim como o elemento diacrónico entre os espaços temporais, nunca esquecendo que a inovação deve estar sempre presente.

A cultura material jamais pode ser entendida fora de um determinado contexto cultural. A função, e o significado de cada artefacto, estão intrinsecamente

dependentes de padrões culturais. A tentativa de se reconstruírem e entenderem modos de vida através do estudo da cultura material de uma comunidade, é uma etapa fundamental no seu processo de definição e enquadramento histórico, quer em termos espaciais, quer em termos temporais.

Sendo o concelho do Cartaxo predominantemente agrícola, com acento especial para a cultura vitícola, é fácil entender porque razão a Tanoaria seja ou tenha sido uma das actividades tradicionais de grande importância na economia local.

Os Ofícios Tradicionais Portugueses devem e podem por conseguinte, ser instrumentos de formação e informação cultural e educativa.

Sendo que a ciência antropológica classifica os ofícios tradicionais nomenclatoriamente como Tecnologias Tradicionais, importa aqui também clarificar conceitos, pelo que poder-se-á definir *tecnologia* por “ (...) o estudo da actividade material das populações (...)” (Poirier,1968:731)

Apesar de ter dado os seus primeiros passos ainda no século XVIII, é somente no século XIX que a *tecnologia* se afirma como ciência através dos estudos de Marcel Mauss, que são sem dúvida um marco histórico na etnologia.

Discípulos da escola *Maussiana* como Leroi-Gourhan e Haudricourt são importantes referências no desenvolvimento dos estudos tecnológicos. O primeiro antropólogo defende que, através dos estudos dos objectos e das tecnologias se pode perceber o processo evolutivo humano, quer em termos físico-biológicos – uma vez que uma maior complexização cerebral e melhor capacidade preênsil originaram uma maior desenvolvimento cultural –, quer em termos técnico-culturais.

Haudricourt defende que através da tecnologia, se compreende a relação homem/objecto, bem como a adaptabilidade deste ao meio ambiente.

Ainda hoje, a antropologia francesa continua a ser aquela que maiores desenvolvimentos e investimentos têm feito ao nível dos estudos tecnológicos.

A chegada dos Romanos em território português, desenvolve e consolida a prática da cultura vitícola, através da introdução de novas castas de videiras, novas técnicas de amanho e adubagem da terra. Os vinhos eram então armazenados em

ânforas de barro. Julga-se terem sido os Celtas os responsáveis pela introdução da técnica da tanoaria que durante a Idade Média é altamente necessária, importância essa que cresce ainda mais durante a época dos Descobrimentos.

Define-se tanoaria como a actividade que executa ou repara vasilhas de madeira que têm como finalidade principal, a conservação, curtimenta e envelhecimento de vinhos. Tradicionalmente esta era a função primordial da actividade artesanal, sendo que com o desenvolvimento tecnológico no sector vitivinícola, o papel e a importância dos barris são muito limitados e em muitos casos secundários.

Sendo que, como em qualquer outro sector económico, as tendências gustativas são definidas pelos mercados mais fortes, o facto é que os vinhos envasilhados em madeira foram perdendo “terreno”, face às técnicas de vinificação mais práticas, menos dispendiosas e com menores riscos. Há ainda quem defenda que as técnicas actuais são qualitativamente superiores às do envasilhamento em madeira. Posteriormente, o consumidor passou a preferir vinhos com menor adstringência e sem “sabor a madeira”.

Na sua maioria, as tradicionais oficinas de tanoaria foram perdendo clientes e concorrência económica, num claro quadro de falta de adaptação dos artesãos e da actividade às novas leis e exigências da economia moderna. Artesãos com visão mais futura e mentalidade mais economicista, conseguiram atravessar o “deserto”, modernizando as oficinas, alterando o estatuto social da empresa – familiar –, para empresas ou micro empresas de artesanato.



Cravar o arco sobre a Bigorna

A mecanização de algumas das inúmeras fases produtivas da tanoaria obrigou à reconversão, actualização e melhoria das condições físicas das oficinas, assim como a melhoria nas condições laborais dos trabalhadores artesanais. As oficinas que imprimiram esta mudança interna, conseguiram com boas e concertadas estratégias de marketing, prestar serviços de atendimento e satisfação dos clientes, em menor período de tempo. Também o facto de a actividade se tornar menos artesanal – comparando com uma vivência mais tradicional –, deu a possibilidade de estas empresas artesanais poderem praticar preços de mercado mais competitivos. A capacidade de se produzir mais e mais barato, foi um esforço e uma aposta ganhos. Com a diversidade actualmente existente no mundo em termos de produção vinícola, as empresas que actualmente envasilham os seus vinhos em madeira, têm pretensões muito específicas e, estes vinhos destinam-se a um mercado igualmente específico.

A integração no espaço europeu, veio aumentar o risco de se manterem abertas oficinas de tanoaria em espaço nacional. A grande capacidade produtiva que a França tem nesta área é uma realidade incontornável e altamente competitiva em território português. Quem pretende envasilhar em madeira já usada, adquire vasilhas há muito inutilizadas, mas de lenho de boa qualidade e entregam-nas para

reparação e/ou reconstrução, a tanoeiros experientes, obtendo por esta via a qualidade de vinho pretendida, com menor investimento económico.



A actividade de reparação ainda totalmente artesanal

Também a produção tanoeira vinda directamente dos Estados Unidos da América é uma notória e real ameaça às práticas ancestrais e tradicionais da actividade em Portugal, nomeadamente em regiões ou Concelhos onde a tanoaria é actividade já extinta ou praticamente extinta, ou ainda sem competitividade económica.

Grandes empresas tanoeiras americanas garantem todo o processo produtivo, desde a detenção das florestas, ao bate, corte e secagem da madeira, passando depois à fase da construção de barricas de madeira ou à introdução de madeira de carvalho francês, americano e europeu, este último vindo nomeadamente do Leste da Europa.

Cada um destes carvalhos confere um sabor específico ao vinhos – o carvalho português imprime um carácter mais rústico ao vinho, conferindo-lhe um paladar mais próximo das especiarias, nomeadamente a canela, enquanto o carvalho americano confere às bebidas nele estagiadas um sabor mais adocicado, próximo da

baunilha, sendo o carvalho francês uma madeira que imprime ao vinho um sabor mais equilibrado, mais fino -.

A região do Ribatejo e Oeste, recorre de forma geral à produção tanoeira vinda do norte de Portugal e da Europa, sendo que as actividades reconstrutivas e de reparação são entregues a oficinas locais. A primeira situação permite ao vitivicultor a descida significativa dos custos, na medida em que quer no norte de Portugal, quer na Europa e mesmo nos Estados Unidos da América, sendo a produção tanoeira largamente mecanizada, as vasilhas provenientes desses lugares ficam mais baratas do que as produzidas em Portugal em oficinas com produção altamente artesanal. Na segunda situação, a reparação ou a reconstrução de vasilhas já se compadece financeiramente com o tipo de trabalho que ainda é praticado na maioria das oficinas ainda existentes na região Ribatejo/Oeste.

As opiniões entre os enólogos são contraditórias no que concerne às tendências de mercado face ao sabor dos vinhos. Enquanto uns defendem que o que se deseja são vinhos com sabor a madeira, embora esses paladares possam hoje, em virtude das novas tecnologias de produção vinícola, serem altamente controlados até atingirem exactamente o desejado pelo produtor, a verdade é que outros enólogos discordam desta opinião e afirmam que há cada vez mais uma redução na tendência dos estágios em madeira, na medida em que internacionalmente o mercado assim o exige. Alguns vão mesmo ao ponto de considerar o gosto a madeira uma “poluição” para o vinho. Embora muitos vinhos tintos com algum valor comercial passem maioritariamente por estágio em madeira, a tendência é de gradual redução.

Há até produtores e enólogos, a defenderem que o “gosto” é dos sentidos que mais facilmente se educa e por esta razão ele é tão volátil e variável. Dizem estes que, os jornalistas especialistas na área, acabam por ser uma espécie de “fazedores” de opinião do paladar, pressão esta que é exercida sobre os compradores, passando a encontrar-se na prateleira dos supermercados e lojas de vinhos, aquilo que o consumidor realmente foi induzido a querer.

A grande questão actual é a capacidade de revitalização destas pequenas oficinas, que têm o peso do trabalho manual, como o seu maior e mais pesado *fardo*. A estrutura física da oficina é de reduzida dimensão, a estrutura organizativa é do tipo familiar, o método de trabalho é artesanal, o mercado de escoamento é local e são todas estas redes, que não permitem à tanoaria respirar, crescer e fortalecer-se. Ganham então espaço neste terreno desertificado, os grandes monopólios.

No concelho do Cartaxo, a situação tem já os dias contados. A única oficina de tanoaria existente neste Concelho já só abre as portas esporadicamente – quando o artesão está em boa condição de saúde ou quando há trabalho –. A oficina lá se encontra, num espaço exíguo, onde as vasilhas restauradas são feitas de forma 100% artesanal. O som dos arcos, o som da marreta, a “dança” ritmada do tanoeiro ao redor da vasilha, o *fogacho* aceso na rua, a parafina a derreter na panela mascarrada, são já um cenário quase desaparecido. E depois é o que o saber popular sempre diz: *quem não aparece esquece*.

Entretanto, enquanto a actividade tanoeira artesanal morre lentamente, numa agonia que é indiferente à maioria dos cidadãos, o monopólio da produção industrializada da actividade chegou já ao Concelho. Produtores vinícolas são já conhecedores e consumidores do produto que vem além fronteiras, ora não fosse este mais barato e em alguns casos até descartável, ou seja, já se compram barricas que após dois ou três envasilhamentos, são descartadas. Passa-se à fase seguinte: compram-se novas vasilhas de madeira. Acaba-se a indústria da reparação. É o salve-se quem puder, mas como diz Ana Pires “Qualidade e sentido de oportunidade ditam, como sempre, a sorte dos novos empreendimentos. Que a sorte não acontece só por acaso. Também se constrói!”. (Pires, 2004:7)

Fica uma vez mais o desafio não só para as instituições, como também para a sociedade civil.

Num estudo que realizei entre 1994 e 1996, no concelho do Cartaxo, o panorama na época era já bastante preocupante, havendo apenas duas oficinas de tanoaria. Uma dedicava-se à reparação de vasilhas para consumo interno da própria

empresa vitivinícola e a outra tinha então as portas abertas ao mercado. Um mercado basicamente marcado e caracterizado pelo o que já foi dito anteriormente:

- Produção 100% artesanal
- Indústria meramente reconstrutiva e de reparação
- Uma actividade de refuncionalização pouco expressiva
- Mercado local
- Oficina desadequada da realidade empresarial actual
- Empresário envelhecido
- Limitações ao nível da inovação
- Inexistência de mentalidade comercial

Após dez anos desta incursão pelo terreno, numa pesquisa de observação directa que durou cerca de 18 meses, volto ao terreno já no verão de 2005/2006, para constatar o inevitável. O sector muito mais envelhecido e enfraquecido economicamente debate-se actualmente com apenas a existência de uma oficina em todo o Concelho, oficina esta que já não abre as portas diariamente. Seja por razões de saúde do próprio artesão, seja por falta de trabalho, a verdade é que as portas verdes da oficina tradicional por vezes estão encerradas.

Neste recente regresso ao terreno, o artesão voltou a lamentar-se da sua sorte, da falta de apoios, do descaso pela actividade e da concorrência com as realidades que neste momento são a “causa” deste fim eminente: oficinas actualizadas com processos produtivos mais mecanizados e dinâmica de mercados, já para não falar da concorrência internacional proveniente de França e dos Estados unidos da América, que obviamente incomodam o sono de muitos empresários portugueses no sector.

No momento deparo-me com um artesão que está dez anos mais velho e com uma actividade que no mínimo está desadequada às novas exigências empresariais em pelo menos 20 anos. O artesão, cujas portas da oficina vai abrindo contra ventos e marés, continua a trabalhar da mesma forma, ao mesmo ritmo, no mesmo espaço,

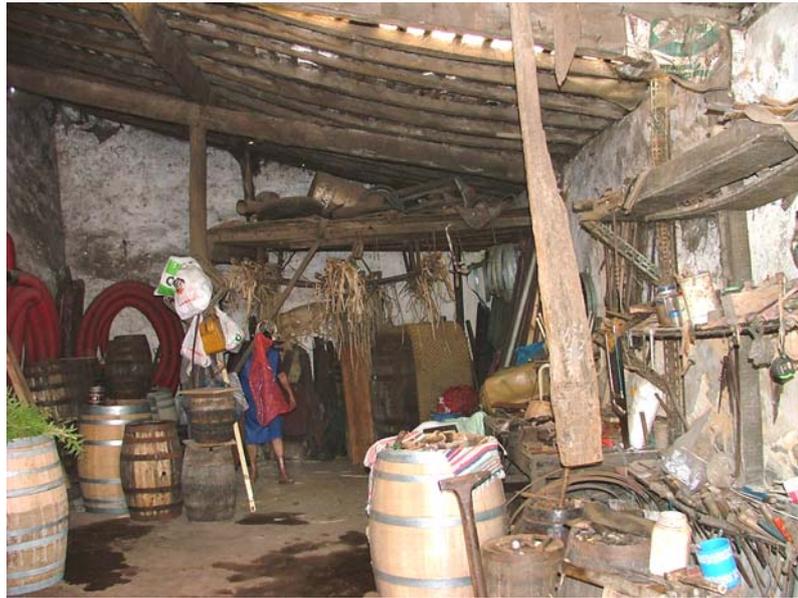
com as mesmas ferramentas e semelhantes limitações. A oficina lá está, desprovida de água, electricidade, dimensão e com piso térreo.

Vejamos então as características da actual e única oficina de tanoaria existente no Cartaxo:

Com uma dimensão de cerca de 47 metros quadrados, o espaço exíguo é uma construção em alvenaria de pedra, cuja construção remonta ao último quarto do século XIX. O tecto é em madeiramento e a cobertura em telha de canudo, o piso é térreo, irregular e não possui qualquer janela. A porta é de duas folhas, em madeira e de cor verde.



Exterior da oficina



Interior da única oficina existente no concelho de Cartaxo

A disposição dos materiais, ferramentas e instrumentos é desorganizada, como mostra a imagem anterior, o que pode ser justificado por três motivos:

O espaço é bastante exíguo;

Nesse espaço por vezes, trabalhavam dois tanoeiros;

Diversos exemplares das mesmas ferramentas ou instrumentos

As paredes estão algo danificadas e muito escuras, devido ao pó que contêm. Os paramentos são rebocados e caiados de branco.

Certamente paredes interiores mais limpas e pintadas de branco dariam a esta oficina uma maior luminosidade. Muitas das operações tecnológicas são executadas junto à porta e por vezes até o são no exterior – quando as condições climáticas assim o permitem. Explica-se este procedimento devido ao reduzido espaço da oficina, o que dificulta por vezes o desenvolver de determinadas tarefas, especialmente quando se trata de uma vasilha de maiores dimensões, uma luminosidade natural deficiente, devido à inexistência de janelas e por fim a não existência de luminosidade artificial, ou seja, luz eléctrica.

O espaço tem água potável, sendo os dois poços existentes na propriedade onde está a oficina usados para esse fim.

Fica neste pequeno texto, o registo de uma actividade com os dias contados – as previsões mais optimistas apontam para o máximo de cinco anos –. O registo encontrado nas incursões que fiz no terreno no verão de 2005 e 2006 e aqui relatados, dão conta de que a tanoaria e os tanoeiros em breve farão apenas parte da memória de alguns indivíduos, do livro que publiquei em 2005 intitulado “A Tanoaria no Concelho do Cartaxo – o reinventar da tradição” e de alguns apontamentos existentes no Museu Rural e do Vinho.

Para os que se interessam por estas actividades artesanais, apesar do fim anunciado, ainda é possível ouvir o barulho da marreta de pena nos arcos, assistir ao rodopiar do artesão em redor da vasilha e sentir o cheiro da madeira mais ou menos avinhada.

## Referências

DOMENACH, Jean Marie (1987), “Souveraineté politique et identité culturelle” in **Pour une politique européenne de la culture**, Paris, Economica, 1987, pp 35

NOGUEIRA, Sandra (2005), **A Tanoaria no Concelho do Cartaxo – o reinventar da tradição**, Editora *O Mirante*, Junho, 2005;

\_\_\_\_\_ (2003), “Cultura Material: a emoção de sentir os objectos” in **Cultura Vozes**, - Ano 97, Vol 97, Julho-Agosto 2003, pp 63

PINNA, Giovanni (2003), “Intangible Heritage and Museums” in **ICOM News**, - Ano 2003, Nº 4, Vol 56, 2003, pp 3

POIRIER, Jean (Direction) (1968), La Technologie Culturelle - Essai de Méthodologie"

in **Ethnologie Générale**, Collection "l'Encyclopédie de la Pléiade", Bruges, Éditions

Gallimard, 1968, pp 31